

Marquem-se posições

ANO NOVO?
O império do calendário
A vulgaridade dos humanos busca ensejos de manifestações da alma denunciadoras de um fatalismo que seria risível em civilizações diferentes ou superiores e, melhor ainda, em uma sociedade que se consolidasse na justiça, no amor, na solidariedade e na liberdade — aspirações que de vez deixassem de ser expressões retóricas, esperanças fáceis, pretextos de maus e desumanos actos.

Espera-se no dia de hoje que uma vida nova comece, que ela seja melhor, menos angustiosa, mais feliz. E na vida, entretanto, nada de novo se produz. Vão continuar, brutalmente, ano fora, como desde séculos imemoriais, as injustiças, as crueldades, os egoísmos, as opressões — tudo isto na sua mais baixa expressão, no seu desumano requinte.

Afinal, de novo, apenas, teremos um calendário. Quem se guia e se ietermina, através do ano, por esse calendário? Uma pequena parte da humanidade, que decidiu, em tempos, mercê de circunstâncias, orientar-se por uma invenção de homens que na vida se fez convenção. A outra parte da humanidade também se aparta: ou não conta por perfodos matemáticos o tempo, ou se determina por convenções diferentes, que tanto alongam como encurtam o ano.

Impressiona o império, a formidável soberania do calendário. Impressiona a ponto de nenhum espírito lhe ser superior! E aqui vamos nós, que sonhamos uma civilização cujo advento ainda está longe, que pensamos em uma sociedade cujos traços ainda não discernimos nos páramos do sonho, que defendemos uma filosofia que anda muito alto na inteligência, e tão alto que os indivíduos mal a compreendem ou a deturpam — aqui vamos nós, atraçadas vulgaridade humana...

Onde está o aspecto social, espiritual, intelectual, que nos evidencie a nobreza na vida humana, nas sociedades humanas? Porque, então, alegria e esperança, sonho e aspiração, só porque se muda um número?

Não se modificaram, no espaço de vinte e quatro horas, como se não modificaram no período de trezentos e sessenta e cinco dias, o carácter e o instinto dos humanos. Sente-se hoje — o ano novo — a mesma maldade frequente, a mesma rridade generosa, tão duramente e tão enganosamente sentida ontem — o ano velho.

A desgraçada e cruel contenda vai prosseguir — e por quanto tempo? O interesse mesquinho de cada um continuará sendo a lei imperiosa, martirizando a imensidão humana que dela se aparte. A falsidade nas intenções e nos actos manter-se há como se fosse uma moral que não se ponha em dúvida. A incompreensão deslustrará, como sempre, as ideias da mais profunda humanidade. A ignorância ainda será o proveito de dominadores audaciosos e brutos. A servidão e a miséria serão igualmente a fonte de rendimento variável dos insensíveis. De belo, de justo, de superior, de verdadeiramente humano, apenas, o sonho de raros e efémeros idealistas. E por quanto tempo, por quanto tempo...!

Ano novo? Há mil novecentos e vinte e sete anos houve uma esperança e uma alegria que muito se pareciam com a alegria e a esperança deste dia...

A volta da China

A repressão estrangeira

XANGAI, 30.—Foi preso pela polícia Inglesa da concessão de Kiutiang, posto avançado das tropas cantonenses no vale de Yang-Tse e, um agitador operário de Hankow, o que determinou uma campanha violenta anti-britânica, iniciada pela greve contra os estrangeiros. A concessão está em consequência destes factos, com dificuldades de abastecimentos. —(L.)

As potências sem resposta

PARIS, 31.—A Inglaterra, a Itália e a Bélgica, não tinham comunicado até ontem qualquer resposta oficial relativa ao "memorandum" sobre a situação da China. —(L.)

O avanço dos cantonenses

XANGAI, 31.—O avanço das tropas cantonenses sobre Xangai faz progressos de dia para dia, devido à defecção das forças de Cheching. —(L.)

A BATALHA

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director interino: ALBERTO DIAS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 10250
PAGAMENTO ADIANTADO
(AVENÇADO)

SÁBADO, 1 DE JANEIRO DE 1927

Telefone N. 5474

TIVOLI**O Ladrão de Bagdad**

Visões das Mil e Uma Noites
Super-film de magia com
DOUGLAS FAIRBANKS, o criador do
Sinal do Ótimo e de Robin dos Bosques

REVISTA MUNDIAL
SEGUNDA-FEIRA:
LA RUE SANS JOIE
(RUA SEM SOL)

Espectáculos de Sá-
bado, 1 e Domingo, 2;
às 18 e às 21 horas

O ladrão de Bagdad
é um belo espetáculo para grandes e pe-
quenos.
Exibição completa do «film» que começa
a passar às 3 horas e 20 minutos e às 9 ho-
ras e 20 minutos precisos.

O ladrão de Bagdad
É o mundo sedutor das Fadas, das Gra-
mofones, dos prodígios da Varinha de Condão,
dos Tapetes Volantes das Cavernas Mágicas,
tendo por cenário o Oriente, com os se-
us costumes exóticos.

Judicado especial pela orquestra
de NICOLINO MILANO

TEMAS IRREVERENTES**EPISTOLA DA TERCEIRA DOMINGA**

Desde a última domingo, irmãos, saúde e
bençãos no Senhor.

E como tudo continua como dantes, nada
tendo ocorrido, nas regiões do milagre, di-
gno do registo da crônica, vamos delinir e
por aclar a vossa situação perante o céu,
salientando bem o motivo por que a pro-
vidência se fechou, não ouvindo um único
dos vossos clamores.

Esse motivo—não sei se vo-lo disse na
passada dominga—foi a vossa fraqueza de
sentidos, o vosso apego às coisas deste
mundo. Foi o vostro petulante audácia
de quereres, por meio de sermões e águas
quentes, desagravar aquilo que jámás pode
ser agravado.

Que cegueira! disse eu. Mas acrescenta-
rei: que insensatez! Pois então ignorais que
Deus nunca pode agravar-se e muito menos
ser desagravado?

Lede a vida dos santos e das santas, per-
corri todo o martirologio, que não encon-
trares um único penitente sincero, uma
única virgem, uma simples beata, que tenha
pensado em tal loucura.

Nenhum deles, ainda que mal cheirasse a
santidade, era capaz de tal ofensa ao Senhor
dos Exércitos.

Porquê? Porque eram crentes verdadei-
ros, possuindo aquela fé que não só ergue
o espírito mas arrasta montanhas.

Todos eles eram bons e eram puros.

Todos tinham visões, todos recebiam an-
jós, todos viam o céu abrindo-se em sua fren-
te, falando para lá, como qualquer de nós
da sua pública para um 2º andar. Deus era-
lhes de tal modo familiar que não passava
um dia, em todas as suas longas vidas, em
que não viesse estar com eles, horas segui-
das, falando cara a cara, frente a frente, tu-
cá, tu lá, numa caçadeira toda íntima,
acérea das misérias do mundo, de que muito
se riem, principalmente os monges do des-
serio.

Pois a-pesar-de tudo isso, atentem bem,
esses santos, esses justos, esses mártires
nunca se julgaram com a competência ne-
cessária para cícer a Deus ou à virgem, com
quem também tagarelavam muito: «Nós te
desagravamos das ofensas recebidas pela
impiedade dos homens».

Por uma razão: é que nunca, em suas
mentes esclarecidas, puderam conceber um
semelhante desagravo. Porque, para todos
esses varões de singular inteligência e vir-
tude perfeita, continuamente iluminados pelas
visões celestes, a divindade não pode
menca, em caso algum, ser agravada pelos
homens. Imagina uma águia do Cáucaso
agravada por um mosquito, ou uma baleia
do Pacífico por um caranguejo derreado! Pois a diferença entre Deus e os homens é
bem maior ainda, porque é infinita.

Ah! meus irmãos, não sei que insanía foi
a vossa, que desde logo vos tomou, impe-
rindo-vos para um tamango desatino!

De mais sabéis vós que, noutros tempos,
quando algum blasfemo pretendia agravar
ou desonrar qualquer espírito celeste, logo
este se manifestava, desaggravando-se a si
próprio, sem esperar que os seus devotos
lhe acusassem, como agora acontece com o
voso incisivo proceder.

Os livros santos estão cheios de delin-
quentes e blasfemos castigados no próprio
momento do seu delito. Muitos até que pe-
cam sem querer, inconsideradamente,
esses mesmos foram logo punidos sem re-
missão alguma.

Exemplos? Toda a Bíblia, desde a pri-

carros reservados, para ali serão conduzi-
dos. Depois de concentrados, os alunos en-
cambar-se-hão para a sede social, onde
serão recebidos pelo orçamento «Voz
do Operário».

Às 13 horas — Deslumbrante «matinée»,
dedicada a todos os alunos das escolas, com
o seguinte programa:

1.ª parte — Sinfonia de abertura, pela
banda da Sociedade «Alunos de Apolo»;
Exibição de várias canções, pelo orfeão infantil
da «Voz do Operário», sob a regência
dos ensaiadores srs. Mateus de Castro e
José Simões da Costa e acompanhados pela
tuna do orçamento «A Voz do Operário», sob
a regência sr. Pedro Catalino.

2.ª parte — Grandioso acto de variedades,
peito trios «Ítalo-Latinos» que, por especi-
al atenção com a colectividade, toman parte
nesto espetáculo; Contos infantis,
pela consciência e ilustre componente da sub-
-comissão de Instrução sr. D. Maria O'Neill.

3.ª parte — Sinfonia, pela antiga banda da
Sociedade «Alunos de Apolo»; Intermedios
cómicos, pelos «clowns» portugueses Jean
Gordo, do Coliseu dos Recreios.

4.ª parte — Sinf. n.º 1, pelo terceiro do te-
atro Gil Vicente; Deslumbrante acto de «ca-
barel», em que, por especial deferência,
toman parte o tenor Gabriel Paiva e as
artistas Lúbia Barros, Maria de Vasconcelos,
a pequenina amadora Maria Luisa e o actor cómico João Amaral.

5.ª parte — Um artístico acto de variedades,
pelos artistas da Companhia do teatro
Gil Vicente, Georgina Gonçalves, Maria
Cardim, Joana Moniz, Agripino de Oliveira
e Ernesto Silva.

A parte musical fica a cargo do terceiro
do teatro Gil Vicente.

ANO NOVO

Visita aos presos

Por determinação superior a visita geral
às prisões do Lameiro e do Forte de
Monsanto é das 12 às 15 horas.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete África, da Companhia Na-
cional de Navegação, são-ámanha expedi-
ções malas postais para a ilha da Madeira e
África Ocidental. Da estação central dos
correios a última tiragem de correspondên-
cia faz-se às 12 horas, fechando os registos
às 10,30 horas.

DIARIO SINDICALISTA

A BATALHA

DIARIO SINDICALISTA

Telephone N. 5474 **TIVOLI**

O Ladrão de Bagdad

Visões das Mil e Uma Noites
Super-film de magia com
DOUGLAS FAIRBANKS, o criador do
Sinal do Ótimo e de Robin dos Bosques

REVISTA MUNDIAL
SEGUNDA-FEIRA:
LA RUE SANS JOIE
(RUA SEM SOL)

Espectáculos de Sá-
bado, 1 e Domingo, 2;
às 18 e às 21 horas

O ladrão de Bagdad
é um belo espetáculo para grandes e pe-
quenos.
Exibição completa do «film» que começa
a passar às 3 horas e 20 minutos e às 9 ho-
ras e 20 minutos precisos.

O ladrão de Bagdad
É o mundo sedutor das Fadas, das Gra-
mofones, dos prodígios da Varinha de Condão,
dos Tapetes Volantes das Cavernas Mágicas,
tendo por cenário o Oriente, com os se-
us costumes exóticos.

Judicado especial pela orquestra
de NICOLINO MILANO

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 da tarde — Soirée às 8,45

O MAIOR ÉXITO DA TEMPORADA
A grande companhia de bailados russos
e divertimentos

Sascha Morgowa

Apresentação originalíssima
Quadros plásticos — Nú artístico

Scenários vistosos. Deslumbrantes efeitos
de luz. Reperitório moderníssimo

CONCERTO PELO FOZ MELODY BAND

No ecrã: UMA PAGINA EM BRANCO, 8 partes

Os preços não foram aumentados

AMANHÃ, às 3 da tarde e 8,45 da noite:

O mesmo grandioso espetáculo

TEATRO AVENIDA

Tel. II. 4336

Hoje, às 21,30 horas

A representação da comédia
alemã

O PÉ DE SALSA

Adaptação dos escritores Bermudes,
Bastos e A. Brun

TEATROS

Despedida da companhia lírica

Hoje, em récita de gala e de assinatura
impar, realiza a grande companhia de ópera
italiana, no teatro São Carlos, o seu penúltimo

espetáculo com a ópera portuguesa,
do maestro Augusto Machado, «Rosas
do todo o ano» que será interpretada

pelas distintas artistas Tagide Tavares e
Raquel Bastos sob a direcção musical do

distinto maestro Pedro de Freitas Branco

e com a ópera de Puccini, «Bohème», que

terá como intérpretes os notáveis artistas
Isang Tapales, Luigi Marini, Mariano Emliani

e Luciano Daminzio sob a direcção musical

do ilustre maestro Gino Puccetti.

Amanhã faz a companhia a despedida,

dando, em récita de assinatura par, o seu

último espetáculo com a segunda e última

representação da obra prima de d'Annunzio
e Pizzetti «Fedra», em que tem um magis-
tral desempenho a notável artista Giulia Tess.

E a intérprete de todas as operas escravas

por este célebre maestro, estando a direcção

musical do ilustre maestro Gino Puccetti.

Amanhã faz a despedida da companhia a despedida,

dando, em récita de assinatura par, o seu

último espetáculo com a segunda e última

representação da obra prima de d'Annunzio
e Pizzetti «Fedra», em que tem um magis-
tral desempenho a notável artista Giulia Tess.

E a intérprete de todas as operas escravas

por este célebre maestro, estando a direcção

musical do ilustre maestro Gino Puccetti.

Amanhã faz a despedida da companhia a despedida,

dando, em récita de assinatura par, o seu

último espetáculo com a segunda e última

representação da obra prima de d'Annunzio
e Pizzetti «Fedra», em que tem um magis-
tral desempenho a notável artista Giulia Tess.

E a intérprete de todas as operas escravas

por este célebre maestro, estando a direcção

musical do ilustre maestro Gino Puccetti.

Amanhã faz a despedida da companhia a despedida,

dando, em récita de assinatura par, o seu

último espetáculo com a segunda e última

representação da obra prima de d'Annunzio
e Pizzetti «Fedra», em que tem um magis-
tral desempenho a notável artista Giulia Tess.

E a intérprete de todas as operas escravas

por este célebre maestro, estando a direcção

musical do ilustre maestro Gino Puccetti.

Amanhã faz a despedida da companhia a despedida,

dando, em récita de assinatura par, o seu

último espetáculo com a segunda e última

representação da obra prima de d'Annunzio
e Pizzetti «Fedra», em que tem um magis-
tral desempenho a notável artista Giulia Tess.

E a intérprete de todas as operas escravas

por este célebre maestro, estando a direcção

musical do ilustre maestro Gino Puccetti.

Amanhã faz a despedida da companhia a despedida,

dando, em récita de assinatura par, o seu

último espetáculo com a segunda e última

representação da obra prima de d'Annunzio
e Pizzetti «Fedra», em que tem um magis-
tral desempenho a notável artista Giulia Tess.

E a intérprete de todas as operas escravas

por este célebre maestro, estando a direcção

A BATALHA

NENO VASCO

O SINDICATO, GRUPO LIVRE

Mas se rejeitamos o recrutamento forçado por parte dos operários, que havemos de dizer aquela impagável "sindicização obrigatória" por lei do Estado, ideia peregrina de alguns políticos "amigos do povo"?

Imagine-se o inimigo, o Estado, a alistar soldados para o sindicalismo!

Para que isso pudesse ser, seria preciso que este último tivesse abandonado qualquer intuito de ação directa e de luta de classes, qualquer veleidade de emancipação e de gerência directa do trabalho. Seria preciso que se encontrasse bem doente e corrompido.

O Estado, aliás, não poria a sua força a serviço de entidades que não tivessem entrado no apisco da "paz social" e da colaboração de classes, e que não oferecessem sólidas garantias de seriedade e juízo. Não trataria senão com respeitáveis personalidades jurídicas, pesadas de bens e de responsabilidades, capazes de responder pelos seus actos perante a lei civil e criminal...

O cavalo de Tróia do serviço sindical obrigatório não viria sem farto recheio. O Sindicato haverá de oferecer "compensações" aos recrutas encorpiados por lei: seguros contra a desocupação, a doença ou a invalidez, pensões e subsídios por isto e por aquilo—emfim, tudo o que sufoca a ação essencial de resistência.

E depois disso, para mor cautela, a arbitragem obrigatória antes de cada greve...

A arbitragem, sob pena de contradição íntima, de conflito de termos, tem que ser voluntária; isto é, livremente aceite por cada uma das partes, iguais em condições.

Não pode versar sobre questões vitais—ninguém aceitará, a não ser por imposição violenta, submeter à discussão dum árbitro a sua vida ou as condições dessa vida, as liberdades económicas e políticas.

O árbitro tem que ser imparcial e imparcial, não ter interesse nista ou naquela solução, de contendas aliás secundárias.

Ora nada disto se dá entre a burguesia e o proletariado e com a arbitragem imposta por lei. As duas classes estão em completa desigualdade de condições. Uma, que detém o poder económico político, os meios de explorar e governar, nega à outra as mais elementares condições vitais, funda precisamente a sua riqueza e prosperidade sobre essa privacidade; a outra não tem outros meios de resistir a essa violência permanente e organizada senão a sua união, o valor do seu trabalho e a força dos seus músculos. Quanto ao árbitro, não pode ser imparcial, tanto mais que se trata de interesses profundos; a lei dá ao operariado e ao patronato igual número de árbitros, mas, graças à ficção audaciosa e cínica que considera o Estado como representante neutral dos interesses de todos os cidadãos, entrega a este inimigo implacável da classe trabalhadora, este órgão político-militar da burguesia, o árbitro de desempate, o juiz definitivo.

Tendo aceitado a "sindicização obrigatória" com todos os matadores (matadores, com efeito, da resistência) e a "arbitragem obrigatória" estaria o Sindicato (?) transformado numa instituição oficial, numa engrenagem do Estado e este não teria mesmo dúvida alguma, em caso de greve..., impossível, em tornar obrigatorias as decisões "regulares" da corporação grevista.

Pronchada e cavalo marinho, a caminho da esquadra, nos amarelhos recalcarlates...

Trata-se, felizmente, duma fantasia burlesca, já da organização operária que aceita esses míticos presentes gregos! Adeus, resistência, greves, luta de classes! O sindicalismo de ação directa estaria morto e enterrado, e a burguesia dormiria sonhos tranquilos e regalados.

Assim manietado, oficializado, narcotizado, o movimento operário não teria sequer força efectiva para impor alguma justiça nos laudos arbitrais, e no caso de estes lhe serem favoráveis—hipótese inviável—para garantir o seu acatamento e execução.

No recente greve ferroviária italiana, contra a comissão grevista, obtinha uma larga vitória, perguntava ao presidente do ministério qual era a garantia da palavra do governo, o astuto ministro, Nitti, redigiu com hábil franqueza:

—A vossa iúra!

Isto é, a garantia única de cumprimento d'uma decisão ou patronal, mesmo arrancada pela força, e ainda sempre a força dos interessados, constituída pela sua solidariedade, pelo valor do seu trabalho e pela sua constante disposição para a luta.

V para o recrutamento dos seus aderentes e para o desenvolvimento da sua influência entre os operários, o Sindicato não pode contar senão com os seus próprios meios, e estes meios, dado o fato a atingir, não podem ser outros senão a propaganda, o exemplo da ação, o zelo constante em defesa dos interesses de todos e de cada um, os resultados obtidos.

Tanto melhor para o Sindicato. Assim, terá que pôr em movimento o máximo das suas energias e capacidades. Terá que fazer apelo à cooperação de todos, a fim que a sua influência se faça sentir, melhor ou pior, em todos os recantos e em todas as direcções. Terá que chamar à actividade sindical o maior número, tratando de preparar para a obra comum.

Nada impede, aliás, que o Sindicato se faça o mais atraente possível e que a propaganda revista as mais belas formas.

Nós achamos perigoso e embarrador o entesouramento improutivo, mas entendemos que o sindicalismo deve pôr ao salariado o máximo da contribuição voluntária para a causa comum, para a realização de nobres e grandes empresas.

E uma das melhores aplicações desses sacrifícios colectivos é certamente o aperfeiçoamento dos instrumentos de propaganda, é o enbelezamento dos centros de atração operários, a cargo sobretudo das Uniões de Sindicatos, Federações e Confederações.

O operário vai à Associação, ao Sindi-

CARTA DE COIMBRA

A estupidez das praxes académicas

COIMBRA, 30.—A despeito de todos os grandiosos movimentos de protesto contra o estúpido anacronismo das *praxes* académicas, movimentos gerados em várias épocas no seio da própria academia, sob o impulso de vários cérebros pensantes, dentre os quais se destacam os nomes de José de Arruda e Afonso Lopes Vieira, e a despeito das recentes e simpáticas manifestações de espírito moderno realizadas pelos estudantes das universidades de Lisboa e Pórtugal—estes últimos banindo a *praxe* por atentatório dos direitos individuais, numa soberba campanha em prol dos escarnecidos e perseguídos *caloiros*—a despeito de tudo isto, a *briosa* academia *lusitano-ateniana* persiste em manter bem viva a chama dum culto do passado: o culto da *praxe*.

As *praxes* académicas são um conjunto de costumes fossilizados pela ação do tempo. Elas outorgam aos alunos *veteranos* o direito de perseguir os novatos (os *caloiros*) com chalças de mat gosto, em que a imbecilidade se casa com a grossaria, permitem submetê-los à prática de actos que brigam com a dignidade individual, e infligir-lhes toda a casta de partidas que acomoram à cabeça óca, desmoliada e entenebrada o cérebro, burilando-lhe o sentimento!

Nada impede tampouco que o sindicato promova a instrução geral e a educação técnica dos seus sócios, com múltiplas vantagens: desenvolver neles as aptidões para a vida associativa, para a ação militante, aumentar o seu poder de resistência, etc.

O exercício das *praxes* tem dado em todos os tempos desastrosos frutos: Cabeças fracturadas, mortes... alteração da ordem, num palavrão.

Quere-nos parecer que a atitude a assumir por aqueles que blasfam de amigos da Ordem, em face de semelhantes *praxes*, será, lógicamente, a de repressão no sentido de evitar tais práticas, que, sendo inadmissíveis atentados contra os direitos individuais, são condenáveis agentes da desordem.

O comissário adjunto da polícia, o sr. André Dias da Silva não é, porém, da nossa opinião, como prova o que vamos relatar.

No último dia de aulas, antes de férias de Natal, veio a Coimbra, em companhia da sua família, em trajes académicos, o aluno do 3º ano da Escola de Belas Artes do Pórtugal, sr. César de Abbott.

Estava este estudante à porta do Hotel Avenida, quando se lhe dirigiu uma troupe de estudantes desta Universidade, os quais, sem delongas, lhe cortaram o cabelo e lhe infligiram algumas palmatóadas nas mãos. Quando a referida troupe submeteu César de Abbott às *gracinhas* da *praxe* académica, veio em socorro da vítima o seu amigo, sr. José Dias Duque, aluno da Faculdade de Medicina desta Universidade, que se atirou aos agressores do seu amigo, impedindo a continuação dos vexames que lhe estavam infligindo.

Entretanto, a polícia interveio, levando os estudantes para o Comissariado da Polícia, onde o sr. André Dias da Silva proferiu palavras de aplauso e de louvor aos académicos *praxistas* e, à *praxe*, e exprimiu frases de ácere censura e desprimo para a vítima das *praxes*, a quem exprobo o ter vindo a Coimbra envergando traje de *caloiro*.

Mário Castelhano, em vista de ser meia noite, e também querer falar sobre o assunto, propõe que a sessão seja suspensa o que é aceite. Foi resolvido continuar no dia seguinte.

Reunião do dia 30 de Dezembro

Com a mesma mesa continuou no dia 30 de Dezembro a discussão no Conselho Federal do parecer da Comissão de Estudo à *Batalha*.

F. Rodrigues require que este parecer seja discutido na especialidade, o que é aprovado.

Mário Castelhano apreciando a 1.ª conclusão do parecer que preconiza a criação dos cargos permanentes e remunerados de director e administrador de *A Batalha* a fim de se pôr um termo às irregularidades da sua vida interna, diz que por si como director não aceita essa situação. Procurará realizar esse trabalho dentro das suas posses e do tempo que puder dispor, modificando o melhor possível as suas horas de trabalho, mas não aceita essas condições.

No entanto, se de futuro reconhecer que, para desempenhar estas funções, terá de permanecer na redacção, então aceitará remuneração pelo seu trabalho; apresentemente não.

Almeida Marques diz que, a-pesar-do parecer descrever incompletamente o que se tem passado, no entanto, está de acordo com ele, visto que a questão principal é evitar a repetição desses e de muitos casos no futuro, e foi esse o desejo do relator do Parecer. Está de acordo com a opinião de Mário Castelhano. Quanto ao cargo de administrador entende que deve ser permanente e remunerado, pois que será a única maneira de evitar as graves irregularidades da vida administrativa do jornal.

Silva Campos declara que, como administrador, só aceitará os salários dos dias que perder do seu trabalho profissional, e estes ainda calculados abaixo da média dos salários de profissão, e estes pagos pela C. G. T., porque como *A Batalha* está em situações precárias não quer que façam especulações a este respeito.

Sustentará esta posição durante dois meses, e depois, quando possa demonstrar o valor do seu trabalho, sentir-se-há então com autoridade moral para aceitar a remuneração da própria *Batalha*, se necessário fôr a sua permanência ali.

Gomes do Amaral pede a palavra para esclarecer os motivos por que o Parecer dava uma pálida ideia do que se tem passado na vida interna da *Batalha*. Havia contra a Comissão de estudo uma atmosfera de desconfiança criada contra ela pela imprensa burguesa com fins fáceis de compreender, e apoiados por certos jornais corporativos como o *Eco Telegrafo Postal*. Isto explica a branca do Parecer, porque qualquer medida, embora justa, poderia ser tomada por vingança ou por represálias. No entanto, se a Comissão seguir as sugestões dos alvitres sugeridos pelo chefe dumas das secções na sua resposta ao questionário da Comissão, teria preconizado nada menos do que a demissão de todo o pessoal, numa forma geral.

Almeida Marques manifesta-se de acordo com a maneira como a Comissão procedeu, visto que precisava ser cautelosa.

Em seguida apresenta um documento em substituição da 1.ª conclusão, que terminava por propor que fosse constituída uma Comissão Directiva de *A Batalha* que seria constituída pelo director, administrador e editor.

S. U. C. Civil.—*Secção dos pedreiros*.

Em assemblea geral, elegeu os seguintes corpos gerentes: comissão administrativa:

secretários, Guilherme Artilheiro e Joaquim de Almeida; tesoureiro, Marcelino da Silva; vogais, Mário Graça e António Bastos.

Conselho Técnico: Marcelino da Silva, Aníbal de Almeida e Francisco Luís. Comissão escolar: Tiberio Caldeira, Aníbal de Almeida e António Bastos. Comité da caixa: Aníbal de Almeida. Assembleia geral: secretários, José Caldeira e Luís dos Santos. Comissão de Defesa Profissional: João Jorge, Francisco Luís, Marcelino Silva, Antônio Loureiro e Francisco Grego.

Foi resolvido satisfazer o pedido na medida do possível. Sobre Benavila foi dado o devido andamento. Sobre Montoito, o seu nome foi apresentado por delegado directo. De Souza, tomado conhecimento. Sobre Aldeia de Barros, foi tomado conhecimento.

Reunião de 1.º de Janeiro

Por falta de número, fica desde já marcada para o dia 1 de fevereiro, no mesmo horário, com qualquer número de sócios, ao abrigo do artigo 14.º dos mesmos estatutos, sendo por isso válida das todas as resoluções que se tomarem.

Lisboa, 1 de janeiro de 1927

O Presidente da Mesa da Assemblea Geral,

Manuel Oliveira Manarte.

Os que desejam a liberdade tem de buscá-la fora da política, organizando o trabalho, a defesa, o consumo e a luta na conquista do bem-estar.



INTERESSES DE CLASSE

Manufactores de Calçado

A Comissão de Melhoramentos tem continuado a dedicar toda a sua atenção à defesa dos interesses da classe e sobre tudo dos salários consignados na tabela da Asso-

sociação.

A Comissão espera que a classe saiba cor-

responder a este esforço, não se deixando ludibriar pelas cantigas dos industriais sem pre pronto a espessinhar os operários desde que estes lhes dêem consentimento. Sabe a Comissão de Melhoramentos que industriais lojistas ou não—se pretendem eximir ao pagamento dos salários constantes da tabela, alegando mau fabrico do calçado; esta pretensão dos industriais tem que ser combati-

da, tenazamente, para o que os manufac-

tórios de calçado devem regeitar, altivamente, os conselhos que estes mesmos industriais dão para que não se apurem muito,

que «só buracos para meter os pés».

Este procedimento dos industriais visa

apenas a dar um golpe na tabela permitindo

uma manufatura inferior, porém, uma vez

que a tabela fôsse destruída, os mesmos in-

dustriais começariam a exigir melhor tra-

balho.

Não deve, portanto, a classe deixar de produzir como convém à defesa dos seus interesses e à manutenção da já velha au-

toridade, moral para com os consumidores,

desprezando os conselhos reservados do in-

dustrialismo, sobretudo os obreiros.

De resto é intenção da Comissão de Me-

lhamentos dirigir-se, dentro em pouco,

aos consumidores expondo-lhes os preju-

zos de que estão sendo vítimas por causa da

ação gananciosa de industriais e lojistas.

No próximo semana deve reunir-se a clas-

se, mas uma vez, para manter-se a coesa-

cionalidade necessária à defesa dos seus inter-

esses. Que todos os fabricantes de calçado saibam

manter-se firmes é o que espera—A Comis-

são de Melhoramentos.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Biblioteca dos Fragateiros

Amanhã, pelas 14 horas, realiza-se a inauguração da biblioteca da Associação de Classe dos Fragateiros do Pórt de Lisboa.

Solidariedade

A festa de solidariedade a José Dias, que

deverá efectuar-se amanhã, ficou transfe-

rida para quando se anunciar.

Secção telegráfica

C. G. T.

Federação Rural.—Recebemos vosso